

“Água fonte de vida”: a Festa da Virgem do Ivaí - PR

João Paulo Pacheco Rodrigues*

joapacheco2210@hotmail.com

doi: 10.25247/hu.2017.v4n7.p107-119

Resumo

Na última década do século XXI, a Festa de Nossa Senhora das Águas no norte do Paraná tem-se tornado uma das celebrações religiosas mais representativas do Estado. Justamente pelo fato da dimensão que tal festividade atingiu no município Ivatuba, espaço geográfico circunscrito à cidade, posteriormente, ampliado às pequenas urbes que cresceram às margens do rio Ivaí. Para compreendermos a Invenção dessa Tradição e como a mesma representa os anseios da comunidade católica local, nos concentraremos nos pressupostos de Hobsbawn (1984) e de Roger Chartier (2002). O núcleo documental desse artigo reúne dois tipos de fontes: narrativas orais (entrevistas e depoimentos) e discursos imagéticos, cujas análises estão embasadas, principalmente, nas proposições de Alessandro Portelli (2004) e Peter Burke (2004). Na segunda parte do artigo, atentaremos para análise do rito “procissão” presente na festividade, observando a dualidade sacra e profana.

Palavras-chave

História Regional; Religiosidade popular; Ivatuba; Nossa Senhora das Águas

“Water source of life”: the Feast of the Virgin of Ivaí - PR

Abstract

In the last decade of the 21st century, the Feast of Nossa Senhora das Águas in the north of Paraná, has become one of the most representative religious celebrations of the State. Precisely because of the fact that this festivity reached in the Ivatuba municipality, a geographic area circumscribed to the city, later expanded to the small cities that grew on the bank of the Ivaí River. In order to understand the Invention of this Tradition and how it represents the aspirations of the local Catholic community, we will concentrate on the assumptions of Hobsbawn (1984) and Roger Chartier (2002). The documentary nucleus of this article brings together two types of sources: oral narratives (interviews and testimonies) and imaginary discourses, whose analyzes are based mainly on the propositions of Alessandro Portelli (2004) and Peter Burke (2004). In these part of the article we will look at the analysis of the rite 'procession' present in the festivity, observing the sacred and profane duality

Keywords

Regional History; Popular religiosity; Ivatuba; Nossa Senhora das Águas

A celebração que acontece anualmente na região Norte do Paraná, desde o início do século XXI, relaciona-se ao catolicismo e reúne valores que abrangem a devoção, a piedade e o compromisso. Referências essas que representam os anseios de uma comunidade unida em torno de uma Santa e, ao mesmo tempo, simbolizam a expressão de fé de determinados segmentos sociais.

Na tentativa de compreender esse fenômeno religioso, o que se propõe nesse artigo é compreender a celebração em tributo à Virgem do Ivaí, a partir do universo fantástico do catolicismo popular. A festa de Nossa Senhora das Águas, embora seja uma prática que se baseia em crenças e cultos semelhantes às de outros locais, apresenta particularidades que foram solidificadas no processo de criação da santa na região onde serpenteia o rio Ivaí¹.

Espera-se que o cotejamento entre fontes plurais permita ao leitor apreender valiosas pistas sobre formação da comunidade católica em Ivatuba, bem como compreender a festa de Nossa Senhora das Águas como um bem cultural imaterial. Para tanto, recorreremos à análise de relatos, entrevistas e fotografias com o intuito de mostrar parte da história e das memórias de Ivatuba e região.

A construção de uma santa: Nossa Senhora das Águas

Ivatuba, assim como outras pequenas cidades do norte paranaense, é fruto do processo de reocupação do Norte do Paraná desenvolvido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Segundo Rodrigues e Pele-

grini (2014) o efetivo loteamento da cidade de Ivatuba ocorreu após a aquisição da faixa de terras próxima ao Rio Ivaí por parte da empresa Pareja e Cia Ltda., comercializada pela referida companhia no começo da década de 1950.

No final da década de 1960, a comunidade católica de Ivatuba presenciou um fato inusitado, segundo relatos de antigos moradores². Em uma Celebração Eucarística, o Pároco do Município teria feito a premonição de que a cidade nunca se desenvolveria para o sentido Sul. Coincidência ou não, de fato essa região, por mais de duas décadas não apresentou desenvolvimento econômico relativo. Embora as terras estivessem cercadas pelo rio Ivaí, o que ocasiona uma área altamente valorizada economicamente, a produção de grãos nunca foi eficiente.

No entanto, no final dos anos 1960, um lote de terras de 21,3 alqueires foi adquirido pela família de Anísio Furlan³. Em 1980, ele adquiriu mais um sítio de 20 alqueires, totalizando uma área de 41,3 alqueires. No ano de 1997, iniciou-se o projeto que, no futuro, receberia o nome de "Condomínio Pontal do Ivaí", em uma clara referência ao respectivo rio. Em entrevista realizada no dia 30 de abril de 2009, o senhor Anísio Furlan⁴ destacou que os responsáveis pelo condomínio Pontal do Ivaí encontraram um grande problema que inviabilizaria toda comercialização dos lotes do condomínio: a falta de água para abastecer a região.

Diversos especialistas, como geólogos, analisaram as condições do condomínio com a intenção de localizar um lugar que pudesse servir como poço artesia-

¹Segundo Destefani (2005), a bacia hidrográfica do rio Ivaí é a segunda maior do Estado do Paraná. Com uma área de 36.587 km² e um percurso de 680 km, o rio é afluente da margem esquerda do curso superior do rio Paraná e apresenta uma vazão média de 363 m³. O Ivaí nasce em Prudentópolis, na região Centro-Sul do Estado do Paraná, no encontro entre os rios dos Patos e São João.

²Entrevista realizada no dia 2 de agosto de 2008 com a Sr Maria Presa, ministra da eucaristia na solene celebração.

³Fundador e atual síndico do Condomínio Pontal do Ivaí.

⁴Entrevista realizada no dia 30 de abril de 2009 com o Sr Anísio Furlan.

no. Preocupados com o problema, os responsáveis pelo loteamento solicitaram que o Padre Jair Favoretto⁵, que acabara de adquirir um lote na região, fizesse uma celebração em louvor a Nossa Senhora, para que ela intercedesse pelos condôminos em busca da água. O Padre aceitou o pedido e ministrou uma missa pedindo a intervenção da Virgem Maria.

Após alguns dias, em nova tentativa, a empresa, ao perfurar uma abertura de quinze metros, encontrou água potável. Com noventa metros de profundidade o montante deparado já era suficiente para abastecer todo o loteamento. Assim, puderam retomar o processo de comercialização das datas do terreno.

Em dezembro 2001, após o término das obras de infraestrutura, o Padre Jair Favoretto, procurou Furlan, com a intenção de realizar uma festa similar à de Nossa Senhora dos Navegantes, numa forma de potencializar o turismo na região e de ecoar aos fiéis a importância da preservação ao meio ambiente e os cuidados com o rio Ivaí.

No entanto, ambos rejeitaram a ideia da celebração ser em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes⁶, pois essa festa acontecia em diversos lugares do Brasil, como na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e no Paraná, nas cidades de Boa Esperança, Coronel Domingos Soares, Itaipulândia e Paranaguá.

Segundo Padre Jair Favoretto, foi realizada uma série de reuniões com a comissão organizadora do loteamento, para a escolha do nome da festa e criação da alcunha da Santa que passaria a ser a padroeira do con-

domínio. Decidiram então, pelo título de Nossa Senhora das Águas. A celebração iria acontecer às margens do rio Ivaí, como forma de agradecimento à Virgem Maria pela graça alcançada, no caso, o acesso à água potável, ainda no processo de comercialização dos lotes. E também, pelo tema da Campanha da Fraternidade⁷ daquele ano que versava “Água fonte de vida”.

Cumpramos lembrarmos que, ao explorarmos os depoimentos como fonte desse estudo, torna-se vital compreendermos que essas fontes seguem uma linha tênue com tempo, na qual crescem e se decompõem, por isso é essencial desenvolver artifícios que preservem esses relatos e as diversas memórias das populações (PORTELLI, 2004). No caso deste estudo, as entrevistas foram gravadas e transcritas na sua forma original, observando o contexto histórico em que elas foram narradas

Atentamos para o processo de criação iconológica da Nossa Senhora das Águas. Favoretto viajou para cidade de Aparecida do Norte, centro do catolicismo no Brasil, e contratou um artesão especializado na confecção de santos. O pároco lembra que uma das primeiras observações que ele pediu ao artista era que fizesse uma estátua com traços “serenos” e com cores claras. Exigiu também que a Santa fugisse do estereótipo da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, que, na opinião do pároco, era “muito poluída e cheia de traços”.

Ao observar a efígie criada pelo artesão paulista⁸, pode-se considerar uma diferença substancial em relação a

⁵Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto

⁶Os primeiros relatos sobre a fé em Nossa Senhora dos Navegantes datam o início no século XV, com a navegação dos portugueses. As pessoas que viajavam pelo mar pediam proteção à Nossa Senhora para retornarem aos seus lares. Assim, a Virgem era vista como protetora das tempestades e demais perigos que o mar e os rios ofereciam. Edésia Aducci lembra que a primeira imagem da Santa no Brasil foi trazida de Portugal junto com os navegadores.

⁷Segundo o Pe. Jair Favoretto, a Campanha da Fraternidade realizada sempre no período da quaresma tem como objetivo despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos para sua solução.

⁸Na entrevista realizada na cidade de Maringá na Igreja Sagrado Coração de Jesus no dia 21 de maio de 2009, o Pe. Jair Favoretto afirmou não recordar o nome do artesão responsável pela confecção da imagem da Santa.

Nossa Senhora dos Navegantes. Ao contrário desta, na escultura de Nossa Senhora das Águas, a âncora, símbolo dos pescadores e navegadores se encontra nas mãos do Menino Jesus bem próxima do seu coração. Na Nossa Senhora dos Navegantes, a mesma âncora se encontra no canto esquerdo da imagem e é também carregada pelo Menino Jesus, que parece brincar com a âncora, como se pode observar a seguir:



Imagem 1 – Nossa Senhora dos Navegantes.
Fonte: Henrique Licht. Retirado do Livro “Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre 1871-2006”.



Imagem 2 – Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Uma nuance entre as duas imagens refere-se à cor do manto. No caso de Nossa Senhora das Águas, a vestimenta tem o tom azul claro e branco predominante em toda a imagem. Pode-se considerar esta mudança como uma alusão à pureza da água encontrada nos poços artesianos do rio Ivaí, mencionada regularmente nas celebrações em louvor à Santa. O branco também pode ser associado à ideia de paz, de calma, de pureza e limpeza. Já o azul, cor do céu e do espírito, simboliza a lealdade, a fidelidade, a personalidade e subtileza, atribuídos na imagem da Virgem Maria.

Duas imagens foram confeccionadas, uma se encontra à beira do rio Ivaí, na gruta de Nossa Senhora das Águas, no condomínio Pontal do Ivaí, e a outra está em posse do Pe. Jair Favoretto. O Sr. Furlan lembra que diversos pescadores entraram em contato com o padre pedindo para adquirir a imagem da Santa, e ainda menciona que, nos arredores das cidades de Fênix, Cianorte e São Jorge do Ivaí, moradores construíram um espaço para essas imagens, como forma de agradecimento e louvor à Rainha das Águas do Ivaí.

Sobre o surgimento de novas denominações para “Nossa Senhora”, Edésia Aducci (1998) salienta que esse processo se dá de maneira particular e restrito à cultura de uma determinada sociedade que, normalmente, busca confirmar a sua fé ou passa por alguma necessidade. No caso da Nossa Senhora das Águas, a nomeação surge da emergência de uma comunidade pela busca do bem potável. A organização do loteamento instituiu o último domingo de agosto como data comemorativa à Nossa Senhora das Águas, pois nesse dia era celebrada a Assunção da Virgem ao céu.

No ano de 2003, apoiado pela Prefeitura Municipal de Ivatuba e pelos condôminos, foi realizada a primeira festa em louvor à Rainha das Águas, dividida nas seguintes etapas: desfile fluvial, recepção à Nossa Senhora, missa eucarística e, por último, confraterniza-

ção e almoço entre os devotos. Conforme dados fornecidos pelo Pe. Jair Favoretto, a primeira celebração contou com a participação de 800 romeiros, sendo a maioria pertencente ao município de Ivatuba.

No ano de 2004 foi feito o convite do Pe. Jair Favoretto, pelo arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho⁹ para presidir a celebração. Viabilizou a nomeação da Santa como a Padroeira do rio Ivaí. A ocasião tornou-se importante para a consolidação da sacralização da Festa de Nossa Senhora das Águas na região, pois Ela deixou o seu perfil restrito ao município e expandiu-se como símbolo de fé regional. Rapidamente, tornou-se padroeira de todas as cidades banhadas pelo rio Ivaí.

A solenidade festiva, tinha início sempre às nove horas da manhã, com desfile fluvial. A Virgem era colocada em um barco e seguida por diversos romeiros. O caminho percorrido prosseguia até os limites da cidade de Cianorte. O cortejo fluvial tinha a duração de uma hora e, conforme a imagem se aproximava da gruta, hinos eram cantados pelos romeiros em louvor à Virgem Maria. Segundo a então Secretária de cultura e devota, Claude Ghelere¹⁰, não existia regra para esse momento: o “coral da comunidade ‘puxava’ os cânticos e o coro seguia”.

Após procissão terrestre, iniciava-se a Missa em louvor à Nossa Senhora das Águas. A padroeira do rio Ivaí ficava exposta no lado direito do altar, enfeitada com fitas e sob vários balões azuis e brancos que formavam um semicírculo ou arco. A imagem ficava no centro desse arco e sobre uma espécie de altar, construído para a virgem, onde brotava uma singela “cascata”. Nossa Senhora ficava à frente da queda d’água. Desse modo, os organizadores recriavam o mito fundador dessa Santa, responsável por conceder um bem maior aos

seus “filhos”, o “bem potável”, sem o qual não existiria vida. Velas eram acesas diante dela, do lado direito e esquerdo uma vez que elas simbolizavam a luz, a direção a seguir. Na Imagem 3, podemos verificar mais detalhadamente os adornos supracitados.



Imagem 3 – Altar de Nossa Senhora das Águas.

Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Nessa imagem, o fotógrafo, apesar de optar por um enquadramento vertical e provocar a concentração das linhas de visão, procurou inserir, em um mesmo quadro, a Santa, as rosas, folhas de coqueiros e a referida “cascata”.

Cumprir-se que, como qualquer outra fonte, a fotografia deve ser questionada, analisada e confrontada. Nesta pesquisa, entende-se que, para o historiador, “[...] utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros

⁹Nota-se nesse momento um gradativo processo de legitimação da Santa pelo clero local, ao ponto da presença do então arcebispo Dom Jaime ratificar a importância da Virgem perante os problemas ambientais que poderiam trazer danos para todo ecossistema e do mesmo abençoar e proclamar a Virgem do Ivaí como protetora daquele local.

¹⁰Entrevista realizada na cidade de Ivatuba, na Escola Municipal Afrânio Peixoto, no dia 9 de março de 2011, com 60 min. de duração.

tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades” (BURKE, 2004, p. 18). Fundamentalmente, é preciso considerar que ela em si não é neutra: a fotografia fala, tem um discurso que deve ser visto e revisto dentro de um contexto em que foi produzida. Conforme aponta Burke (2004), as imagens interessam ao historiador, tanto pelo que deixam transparecer quanto ao que omitem. No caso da imagem 3, os adereços em volta da Santa reforçam a mensagem de que a Nossa Senhora das Águas atua como protetora dos bens naturais.

A cerimônia se iniciava com o canto do Hino Nacional pelos romeiros. Após o cântico, o Pároco fazia alguns agradecimentos e concedia a palavra ao prefeito. No ano de 2005, o prefeito Adolfo Semprebom ressaltou a importância da Santa para a comunidade local, referenciando a festa como uma “tradição” do município. Para ele, os Ivatubenses se identificavam e veneravam a Virgem por ela ter nascido no seio da sociedade católica da região.

Vale lembrar que Erick Hobsbawn (1984) afirma que algumas tradições, por mais que pareçam ser antigas, foram inventadas em curto espaço de tempo. Assim, o historiador define o termo “tradição inventada” como um complexo de práticas geralmente reguladas por normas subentendidas ou claramente aceitas. Essas práticas de ordem ritual ou simbólica tendem a firmar certos valores e normas de comportamentos pela repetição, o que resultaria numa continuidade de um passado histórico apropriado. Por essa via, o autor argumenta que a invenção da tradição ocorre com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade aniquila os padrões sociais para os quais as tradições foram feitas, produzindo novos modelos (HOBSBAWN, 1984).

Para o historiador Hobsbawn (1984), a construção dos símbolos é um dos fatores que ajuda na agregação das tradições inventadas por parte das sociedades.

A utilização de elementos antigos desses povos, aliadas a uma linguagem elaborada e compostas de práticas e comunicações simbólicas religiosas, tendem a ser associadas aos problemas presentes no seu cotidiano.

Por conseguinte, o processo de criação e invenção das tradições pode estar estreitamente relacionado com tradições já conhecidas. As novas tradições se apegam aos ritos e ações já conhecidas. Um exemplo claro é o objeto deste estudo: parte significativa do festejo é similar aos ritos da celebração em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes. No caso da festa realizada no condomínio Pontal do Ivaí, ocorreu uma adaptação e a reutilização do cerimonial da Virgem dos Navegantes, aliás, essa mudança parece ter sido fundamental para que a população de Ivatuba se identificasse com a comemoração.

Atentamos para os ritos litúrgicos da festa. No início da celebração, o coral composto por vozes masculinas e femininas entoava cânticos em louvor a Nossa Senhora, com os dizeres “Nossa Senhora, vimos a ti louvar unidas à natureza, o nosso canto entoar” – uma clara referência a um dos encargos atribuídos à Rainha do Ivaí, ou seja, a proteção ao meio natural e à paisagem cultural. Durante o rito litúrgico, a relação entre a fauna, a flora e Nossa Senhora das Águas eram exploradas a fim de estabelecer ou reforçar os vínculos entre elas, e a missão da Santa e do seu povo.

Era comum nas homilias do Pe. Jair Favoreto a alusão aos deveres dos cristãos necessários para o equilíbrio e salvação do planeta. Os seus sermões enfatizavam a importância da água como bem indispensável para a sobrevivência da humanidade e retomava os compromissos assumidos pelos fiéis e pela Virgem Maria na luta pela preservação do rio Ivaí. Nessa linha, o padre associava a imagem de Maria à divindade protetora daqueles que necessitavam economicamente das águas do rio para viver - pescadores, agricultores, entre

outros - e daqueles que zelavam e oravam pelo equilíbrio do planeta.

Os sermões do pároco propiciaram a propagação de percepções místicas, solidificando a compreensão dos significados elaborados pelos sujeitos que viviam nesse espaço. Assim, as representações dos milagres, que a Santa supostamente teria realizado, apresentavam aspectos peculiares. Uma hipótese seria a fama disseminada pelo pároco Jair Favoretto, de que o número de óbitos no leito do rio Ivaí teria diminuído consideravelmente após a proclamação da Virgem como padroeira e protetora do local.

Nesse sentido, cabe lembrar que as histórias de cunho cristão levam os indivíduos a imergir no mundo místico, pois acreditam na palavra do padre e a mantêm como verdadeira, produzindo novas narrativas e vivências. De acordo com Chartier (2002)

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (lingüísticos, conceituais, afetivos) comanda ‘modos de pensar e de sentir’ [...], por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. (CHARTIER, 2002, p. 31):

Para Chartier (2002), as representações coletivas podem ser consideradas o conjunto de bases responsáveis pela sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social. “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos”, salienta o historiador Chartier (2002, p. 11).

Para tanto, nota-se que há a criação de um enredo simplificado. A história narra a importância do bem potável no lote banhado pelo rio Ivaí e a participação da virgem, sendo o rio e a religiosidade aspectos fundamentais para a legitimação perante a comunidade católica.

As análises dos depoimentos e homilias do Padre Jair Favoretto constataram que a crença, à Imaculada do rio Ivaí tem história própria e encontra terreno fértil entre os romeiros que as tomam com seriedade e as preservam. Dessa forma, são propagadas as práticas que influenciam a maneira como eles convivem com o sobrenatural. Talvez, a principal delas esteja relacionada ao processo de apropriação dos seus significados pelas gerações que se sucedem. Essa inferência se justifica pelo fato de que as crenças são parte de um conjunto de elementos presentes no cotidiano dos habitantes, atuando sobre os indivíduos de todas as faixas de idade.

Após as missas, eram realizadas algumas apresentações teatrais em louvor à padroeira do Ivaí, tendo sempre como pano de fundo a natureza, os rios, os pescadores, enfim, aspectos ligados ao mundo em que a Virgem das Águas está inserida. Também havia uma premiação para os barcos decorados participantes da procissão fluvial. Após as solenidades, os devotos interagiam nas barracas que vendiam quitutes, como cachorro quente, crepe, pastel, churrasco, doces, entre outros petiscos.

Em seguida eram apresentadas pequenas peças teatrais que tinham como temática a preservação do meio-ambiente.

Compreendendo a procissão sob o olhar imagético

Na festa de Nossa Senhora das Águas, detectamos a convivência entre elementos sagrados e profanos que se hibridizam durante o período festivo. Para o antropólogo Roberto DaMatta (1994), é nessa prática religiosa que elementos profanos e sagrados se fundem, pois a imagem do padroeiro está em contato com a comunidade e não a Igreja, sendo reverenciado por orações, penitências e cânticos.

Segundo Maura Petruski (2008), no Brasil, o costume foi introduzido no governo geral de Tomé de Souza (1549-1553). Mas a prática era plural, assemelhando-se mais com um espetáculo do que com uma manifestação religiosa. As procissões seguiam a dinâmica de dramatizações e autos. Para Petruski (2008, p.172):

Inferno, Paraíso, o bem, o mal, figuras mitológicas, vida de santos e histórias bíblicas eram as representações contidas nas máscaras utilizadas pelos integrantes do grupo que fazia sua apresentação, que tinham como objetivo central o ensinamento religioso aos homens. O uso da alegoria nesses atos religiosos vinha da Idade Média, sendo essa categoria aceita e difundida pela instituição religiosa.

principalmente quando se refere aos cortejos durante a celebração. Segundo o padre Jair Favoretto, essa manifestação religiosa era uma forma de reverenciar a Santa do Ivaí. No festejo, no condomínio Pontal do Ivaí, existem duas procissões: a fluvial, onde os navegadores acompanham o barco da Rainha das Águas, e a terrestre, que acontece após a Virgem ser recebida pelos fiéis na rampa náutica.

Às nove horas, como já fora citado, iniciava-se a primeira procissão. Anísio Furlan recorda que essa manifestação constituía o primeiro rito da festividade, os barcos navegavam aproximadamente sete quilômetros nas margens do Ivaí.



Imagem 4 – Procissão fluvial. 2005
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Porém, o costume perderia força. No início do século XVIII, a publicação das Constituições do Arcebispo da Bahia afirmava que as procissões deveriam ser apresentadas como uma “oração pública feita a Deus por um comum ajuntamento de fiéis” (Constituições, 1853, p.191). Ou seja, elas teriam que se afastar das representações profanas e assemelhar-se ao sagrado.

A procissão de Nossa Senhora das Águas incube características pertencentes a esses dois lados, prin-

Na fotografia de 2005, pode-se notar uma quantidade razoável de barcos enfeitados com bexigas e tecidos das cores azul e branco, tonalidades presentes na imagem de Nossa Senhora das Águas. Também é possível observar as bandeiras do Brasil, Paraná e Ivatuba nas embarcações que seguem no entorno do barco que transporta a imagem da Santa. Saltam aos olhos a quantidade de rosas que são dispostas no andor da Santa. Essas flores, segundo a devota Olinda Tenedine, seriam

a melhor forma de louvar a Rainha, pois simbolizavam, por um lado, a doçura da Mãe Santíssima mediante suas cores rosadas e seu aroma e, por outro, o suplício vivenciado por Ela, representado por meio dos espinhos. Para os católicos, a Virgem possui a semelhança de uma flor, o perfume e a cor que remetem às sensações como o acolhimento e o aconchego.

salva-vidas e kits para a preservação como, por exemplo, sacolas biodegradáveis.

Após a chegada da Santa, iniciava-se a segunda procissão, com intuito de entoar e reverenciar o nome de Nossa Senhora das Águas. Partia-se da rampa náutica, a Virgem era ancorada e progredia até o local da missa, nas proximidades da gruta da padroeira do rio Ivaí.



Imagem 5 – Nossa Senhora das Águas. Ano 2004.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

A procissão fluvial impressionava pela rica ornamentação dos barcos que acompanhavam o trajeto, e é nesse momento que encontramos o primeiro elemento profano da procissão.

Segundo Anísio Furlan, para estimular os navegadores, ocorria uma premiação para a âncora melhor acabada. Assim, mais do que homenagear e reverenciar a Virgem do Ivaí, a procissão fluvial tornava-se uma alusão respeitosa à “profissão” dos barqueiros e pescadores. O resultado da avaliação dos barcos era divulgado após a celebração eucarística, no início do baile e da quermesse. A premiação valorizava as representações do meio ambiente, ferramentas para pesca, coletes de

Na fotografia supracitada, são registradas a chegada da Virgem e a procissão até o local da celebração eucarística. Nessa imagem, o enfoque principal incide sobre a figura de Nossa Senhora das Águas, carregada por seus “filhos”. Conforme referências do historiador Erwin Panofsky (1979), pode-se perceber, a partir da perspectiva iconológica, que esta imagem tende a reforçar a ideia da Virgem como Mãe dos seus fiéis. Por isso, Ela é carregada nos ombros como um ato de sacrifício, suplício e amor. Ademais, a Santa evoca a noção de protetora do rio Ivaí conforme aparece em meio às águas.

Por último, nota-se a associação da figura da Virgem de Ivatuba às bandeiras de Ivatuba, Paraná e do Brasil conforme mostram as Imagens 4 e 5. Uma alusão ao fato de que Ela não seria apenas a Senhora dos cidadãos ivatubenses, mas de toda a população do Paraná e do Brasil, uma vez que essas bandeiras cercam a imagem tanto do lado direito, como do esquerdo (Imagem 5) além de acompanhá-la na procissão fluvial e terrestre (Imagens 4 e 5).

Mais do que captar e decodificar os diferentes signos de uma imagem, é necessário interpretar e desconstruir as fotografias (forma e conteúdo), sempre considerando o contexto histórico-social de sua produção. No caso desse registro, deve-se levar em conta que a organização contratou um fotógrafo profissional e que os devotos constituem agentes que participaram da criação do evento.

Após a chegada da imagem, ocorria uma queima de fogos e o lançamento de balões nas cores azul e branco. Claude Ghelere lembra que era comum citações como "Viva Nossa Senhora das Águas", "Viva a Mãe rainha do Ivaí" e "Viva a Virgem das Águas". Os fogos e os balões estourados tinham o intuito de chamar a atenção para o evento, instigando a população a acompanhar o acontecimento. Os cartuchos, arrumados durante a madrugada, ficavam expostos ao lado esquerdo da gruta da Santa.

Em 2008, a festa passou por profundas transformações. Como o espaço do condomínio não suportava o número de romeiros, a celebração passou a ser realizada no perímetro urbano de Ivatuba. O desfile fluvial foi mantido às margens do rio Ivaí, mas os festejos, as barracas e o ato litúrgico da missa foram transferidos para o perímetro urbano da cidade de Ivatuba. A mudança do local deu-se ao fato de a Paróquia Nossa Senhora do Rocio ter um salão paroquial extenso e capaz de receber os devotos.

Após 30 minutos de carreata em torno da cidade, a Santa foi levada para a Praça da Igreja Matriz, todavia, ao chegar à paróquia Nossa Senhora do Rocio, a imagem foi proibida de entrar na Igreja pelo pároco local. Segundo o Pe. Jair Favoretto, o responsável por tal retaliação foi o então pároco do município Pe. Francisco Gecivan Garcia, que não apoiou a festa e tampouco permitiu que a imagem adentrasse na paróquia Nossa Senhora do Rocio. Anísio Furlan alegou que esse era o trajeto acordado pela comissão organizadora: após o término da carreata, a Imagem iria adentrar na Igreja matriz e, na sequência, seria celebrada a missa.

Curiosamente, embora aparentemente não partilhasse dos tributos à Nossa Senhora das Águas, o padre Francisco Gecivan Garcia participou do culto em sua homenagem, como pode ser constatado na imagem a seguir.



Imagem 6 – Missa em louvor a Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.

Ao pe. Jair Favoretto coube celebrar a missa. Chama atenção nessa foto a hierarquização dos lugares ocupados pelos sacerdotes e ministros. Jair Favoretto encontra-se ao centro do altar e com a hóstia nas mãos, logo presidiu a celebração. O Padre Francisco Gecivan está posicionado no lado direito de Favoretto, auxiliando-o no momento da Eucaristia. Por último veem-se quatro ministros ao lado direito da fotografia - todos

moradores de Ivatuba - que também ajudavam na celebração. No canto esquerdo, está o coral, composto por membros da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, comunidade que era presidida pelo Padre Jair Favoretto. Nota-se o contraste que serviu de contraponto nessa celebração. Pessoas das Paróquias de Ivatuba e Maringá participavam e colaboravam com o evento festivo.

Por certo, o desconforto causado pelo fato de a Santa não ter entrado na Igreja Matriz, despertou a curiosidade da população que não compreendeu o motivo do ocorrido. Segundo Rosilda Von Kriger, na semana que antecedeu a celebração, ocorreu uma reunião na Igreja Matriz com o Padre Gecivan, os ministros, Anísio Furlan e as secretárias de Cultura e Turismo, Claudete Ghelere e Rosilda Von Kriger. Contudo, o pároco já demonstrava sinais de que não apoiaria a festa, peculiar do município. A reunião encerrou-se com a decisão da participação do padre, mas sem a passagem da Santa pela Igreja.

Do ponto de vista do Pe. Favoretto, a atitude desfavorável do Pároco Garcia resultava do seu descontentamento com Nossa Senhora das Águas, porque além de ela ter realizado graças naquelas terras, obteve grande aceitação entre a população residente em Ivatuba e nos arredores. Talvez tenha atingido maior popularidade do que Nossa Senhora do Rocio – padroeira do município.

Já o Pe. Garcia justificou a sua decisão nos seguintes termos: “se tratava de um evento “muito fechado”, onde apenas os organizadores Anísio Furlan e o Pe. Jair Favoretto “opinavam”. Diferente do que dizem, “de forma alguma era contra a Santa das Águas”. Ele reconhecia sua legitimidade perante centenas de devotos da cidade, porém era contrário à “hierarquia imposta na organização do festejo”.¹¹

Apontamentos

O presente artigo teve como um dos objetivos a compreensão da construção mítica entorno da Santa do Ivaí. Radicada no cerne da comunidade católica de Ivatuba, a crença na Virgem manteve uma linha tênue entre a devoção religiosa e o medo do desconhecido. A premonição de um padre, convicto de que o lado Sul de Ivatuba não iria desenvolver-se cobriu esse espaço de uma aura mística, mas, por circunstâncias investigadas nesta pesquisa, o referido lugar foi cenário da manifestação da Virgem.

Constata-se que a elevação de Nossa Senhora das Águas à condição de padroeira e protetora das cidades banhadas pelo rio Ivaí gerou benefícios individuais e coletivos. Os devotos atestam que foram atendidos em suas preces e as cidades, em especial, Ivatuba teve sua economia dinamizada. A Santa foi responsabilizada pelo reaquecimento do comércio local e por gerar empregos advindos dos investimentos no setor turístico.

Os documentos levantados não deixam dúvida de que o “milagre da água” concorreu para transformar o condomínio Pontal do Ivaí em um empreendimento promissor. O Sr. Anísio Furlan, idealizador do loteamento, não dissimula que a valorização dos lotes naquela região ocorreu em decorrência do sucesso das festividades em louvor a Nossa Senhora das Águas, pois, além de retirar o estigma negativo sobre o local, o tornou mais conhecido. Os primeiros terrenos, vendidos no ano de 1997, valiam cerca de 7 ou 8 mil reais (dependendo da localização), atualmente, os poucos lotes que ainda restam sofreram uma valorização de aproximadamente 1.200%, estão sendo negociados por 120 mil reais.

A popularidade da festa foi atestada no livro “Festas Populares do Paraná” (Carneiro, 2005, p. 67),

¹¹Entrevista realizada na cidade de Maringá, no Seminário Diocesano de Maringá no dia 14 de junho 2009 tendo 40 min. de duração.

algo singular do ponto de vista da formalização de seu reconhecimento como um bem imaterial. Não ao acaso, o governo estadual tomou a iniciativa de listar as várias tipologias patrimoniais do Estado. O reconhecimento dos bens culturais imateriais constituiu uma demanda desde as proposições da Constituição de 1988, fortalecidas pela oficialização das primeiras manifestações populares, como o grafismo indígena, as festas de tambor, os saberes de ofício, entre outros.

Todavia, no ano de 2009, a festividade passou por alterações. Esta nova fase da celebração foi transferida para o condomínio Pontal das Bananeiras, próximo à cidade de Floresta. A procissão fluvial e a missa foram mantidas, mas foram acrescentados novos entrete-

nimentos como bailes e a distribuição de almoço. Embora não constitua objetivo desta pesquisa, vale destacar que a mudança do local da festa não se deu somente em função dos desentendimentos entre os párocos de Ivatuba. O espaço físico onde ocorria a festa já não comportava o montante deromeiros e fiéis que se deslocavam para a cidade.

Constata-se que os impasses individuais "resolvidos" com a mediação da santa geraram uma identidade religiosa que culminou em um projeto mais complexo: a luta em prol da preservação das águas do rio Ivaí e da diversidade da flora local. Mesmo que esta "causa" tenha sido sugerida pelos mentores da celebração, ela foi aceita e acolhida pela comunidade.

Referências

- ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CARNEIRO JR. Renato Augusto. *Festas populares do Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005 (no. 2).
- CHARTIER, Roger. *À Beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA, feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5o Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. S. Paulo: Typog. 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853 (Impressas em Lisboa em 1719 e Coimbra em 1720).
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DESTEFANI, E. V. *Regime Hidrológico do Rio Ivaí – PR*. 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEM, Maringá, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.
- LICHT, Henrique. *Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre 1871-2006*. Editora Polotti. Porto Alegre. 2008
- PANOFISKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004. p. 298-313.

PETRUSKI, R. Maura. Julho Chegou... E A Festa Também: Sant'ana E Suas Comemorações Na Cidade De Ponta Grossa (1930-1961). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

RODRIGUES, João P. P.; PELEGRINI, Sandra C. A. *Ivatuba: História, memória e tradição paranaense*. Maringá: Unicorpore, 2014

Submissão: 21/01/2017

Aceite: 23/06/2017